



Impactos socioculturais e desafios de uma rádio comunitária na contemporaneidade: estudo de caso da Rádio Comunitária Araçá, em Mari-PB.¹

Júnia MARTINS²
Letícia FRASÃO³
Damara SOWETO⁴
Grace Kelly de LIMA⁵
Maede RODRIGUES⁶
Luiz CANDOIA⁷
Maria das Neves ARAÚJO⁸
Maria ADOLFO⁹
Júnior PINHEIRO¹⁰
Gracyelle XAVIER¹¹

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

RESUMO

Embora seja tema recorrente nos estudos vinculados à Comunicação Comunitária, os impactos socioculturais e desafios da RadCom carecem de permanente discussão, na asserção de que são muitas as realidades enfrentadas pelas rádios comunitárias nos distintos espaços geográficos, sociais, políticos e culturais brasileiros. O presente artigo traz um estudo de caso da Rádio Comunitária Araçá FM, situada em Mari-PB, realizado colaborativamente com os alunos da disciplina Mídias Audiovisuais em Contextos Comunitários, do curso de graduação em Rádio e Tv da UFPB. Trata-se de uma pesquisa de viés exploratório, com análise qualitativa, na qual foi utilizada a comparação entre a opinião da comunidade e a dos comunicadores da Rádio Araçá como principal instrumento de detecção do cenário funcional da referente emissora.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio Comunitária; Impacto Sociocultural; Comunidade; Estudo de caso.

¹ Trabalho apresentado no IJ7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Orientadora do trabalho. Professora estagiária do Curso de Rádio e TV (UFPB). Mestranda em Comunicação (UFPB); especialista em Leitura (UESB-BA). juniamartins@ymail.com.

³ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). frasaoleticia@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). damaraoliveira@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). gracelimak@gmail.com.

⁶ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). maederodrigues@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). luicandoia@gmail.com.

⁸ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). nevyinha_araujo@hotmail.com.

⁹ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). mariaadolfo1@hotmail.com.

¹⁰ Mestrando em Comunicação (UFPB); especialista em Leitura (UESB-BA); coordenador da TV UFPB. juniorpinheiro@ymail.com.

¹¹ Estudante de Graduação - 5º. sem. do Curso de Rádio e TV (UFPB). maydods@hotmail.com.



Introdução

Em 2008, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, o então ministro das Comunicações, Hélio Costa, divulgou que uma das prioridades do Ministério era levar a radiodifusão comunitária a todos os municípios do País. Um levantamento feito pelo Ministério das Comunicações (MC), em 2011, constatou que cerca de 2.000 municípios ainda não tinham o serviço. Entre 2011 e 2013, ao passo que o MC se encarregou de efetuar novo levantamento¹² – perscrutando municípios que teriam interesse na outorga – a Anatel intensificou a fiscalização, fechando e processando rádios comunitárias (RadCom) em distintos cantos do País.

Os empecilhos legislativos, além dos limítrofes técnicos, parecem ser os maiores desafios da radiodifusão comunitária, que tem como função ser formada pela comunidade e a ela servir nos âmbitos social, cultural e político. Com esta pesquisa, além de outros pontos, pode-se perceber que a Rádio Araçá FM, situada em Mari-PB, compartilha destes desafios, tendo inclusive, seus equipamentos de reportagem externa confiscados pela Anatel em abril de 2013; na alegação de que a legislação impede a utilização de um estúdio secundário.

A possibilidade de, no recorte local, refletir características inerentes a outras rádios comunitárias fomentou o presente artigo. Este traz dados preliminares de um estudo mais aprofundado, discutido durante todo o semestre 2013.2 em sala de aula; mas impossível de caber num curto espaço de papel. A impossibilidade não impede, contudo, que sejam lançados os dados mais elementares, selecionados pelos autores em conjunto. A base bibliográfica deu-se de acordo com os textos de Arlindo Machado et al (1986), Dioclécio Luz (2001), Raquel Paiva e Muniz Sodré (2003), Zygmunt Bauman (2003) e Cicilia Peruzzo (2010).

1. Histórico das rádios comunitárias no Brasil

No Brasil, a produção do rádio em maior escala industrial se dá a partir dos anos 1940. Este aparelho retoma a oralidade e faz a comunicação entre analfabetos e letrados, entre os ouvintes e os “donos da voz”. O custo baixo faz com que esteja presente na maioria das residências, garantindo o acesso mesmo às classes mais pobres. Porém, pertence às camadas mais altas o domínio sobre as emissoras; um quadro que começou a se transformar parcialmente em meados do decênio de 1960, com o

¹² Informações do site do Ministério das Comunicações. Disponíveis em <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao-comunitaria>. Acesso em 27 de março de 2014.



aparecimento dos movimentos sociais de base, com destaque àqueles arquitetados pela Igreja Católica; que serviram de alimento para consolidação e proliferação das rádios *clandestinas*, *livres* ou *piratas*, na década de 1980. Voltadas para temas e participação populares, assim eram denominadas por serem consideradas ilegais.

Estas rádios tinham como primordial objetivo descentralizar o poder vigente nas emissoras; possibilitando às pessoas comuns a participação ativa na programação, com foco especial na liberdade de expressão, e pleiteando acesso a um tipo de cultura diferente daquela proliferada pelos veículos estatais e comerciais. Na década de 1980, os movimentos se intensificaram e surgiram diversas rádios *piratas* por todo o território brasileiro. Uma “reforma agrária no ar” era a proposta de jovens estudantes, sindicalistas e outros cidadãos, envolvidos em lutas emancipatórias subjetivas e materiais do período; buscando a “reapropriação coletiva não apenas dos meios de trabalho, mas também dos meios de produção subjetivos” (GUATTARRI, 1986 apud MACHADO et al, 1986, p. 13).

O Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação foi um marco para a rádio comunitária no Brasil. Realizado em 1995 no Rio de Janeiro, o evento fundamentou o conceito de rádio comunitária que é utilizado ainda hoje; além disso, ali aconteceram as primeiras discussões oficiais sobre a necessidade da criação de uma lei que regulamentasse as rádios no País. Após muitas conferências relativas à democratização dos meios de comunicação, as RadComs foram regulamentadas em 1998 sob o nome de *comunitárias*; já que, dentre outras restrições, devem ser nascidas de pessoas da comunidade onde se situam, e para ela voltadas.

A Lei 9.612 de 1998, que legitima as rádios comunitárias, promulgada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, não agradou e não agrada maioria das rádios funcionalmente comunitárias. Criticada por causa do seu teor ultrapassado e conservador, a legislação sinaliza que uma rádio comunitária deve ter até 25 watts de potência e alcançar, no máximo, 1 km de raio. A proibição de veiculação de propagandas é tema recorrente e amplamente discutido, já que tal fator inviabiliza o sustento financeiro da maioria destes veículos; impulsionando-os a trabalharem na ilegalidade.

A rádio comunitária possui um caráter público civil. Ela tende a divergir dos grandes vinculadores midiáticos, principalmente por apresentar um caminho político-ideológico pautado na organização de base popular com representatividade social. Tende a ser diferente em sua finalidade, na organização coletiva de vínculo direto com o



locus de atuação; no teor libertário expressivo do editorial, com grades e programações que devem ter como alvo a comunidade e o ideal das difusoras populares. (PERUZZO, 2010)

Nessa perspectiva, as rádios comunitárias fundamentadas em sua função social, coletiva e dialógica, devem fazer com que os seus projetos nasçam dos interesses e anseios populares. No entanto, fazer com que uma rádio comunitária na atualidade funcione a todo vapor, não é nada fácil e exige esforços coletivos; principalmente porque “esta modalidade de rádio comunitária continua desempenhando papel informativo e educativo relevante em muitas regiões do Brasil, um país de contrastes” (PERUZZO, 2010 p. 4), papel que abaliza a resistência e persistência de muitas delas.

2. Desafios de uma rádio comunitária na atualidade

Com o advento do que muitos autores nominam como pós-modernidade e surgimento de novas tecnologias, a forma de comunicar-se mudou e, com ela, as relações pessoais, endossando o individualismo nas mais simples e complexas relações cotidianas. Este cenário afeta diretamente o conceito e a vivência da comunidade; a territorialidade, temporalidade e empirismos nela circunscritos. A convivência em comunidade é pautada na identificação com os demais membros nela integrantes, no compartilhamento de experiências vividas interna e externamente a ela, e também na sensação de lugar comum. Segundo Bauman, o ideal da comunidade representa aconchego e sensação de conforto, de identidade com os demais, uma vez que o individualismo se encontra nas ruas, fora dali.

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros. (Bauman, 2003, p.7)

Com o individualismo crescente na atualidade, a desagregação das relações sociais e da sensação de pertencimento a um lugar ou a uma identidade, a comunidade opera uma função especial de *religere*, tendo nos instrumentos de comunicação a potencialização desta possibilidade. A comunicação comunitária propõe gerar



processos cooperativos entre os membros da comunidade, na transmissão de informações de dentro para dentro, diferentemente das grandes mídias.

Uma rádio comunitária deve ter integrantes da comunidade local, enquanto profissionais de comunicação lhes dão suporte técnico e prático para que pessoas da comunidade assumam o poder de comunicadores do veículo. Muitas vezes, este profissional é fruto da própria comunidade, atuando como intelectual orgânico (GRAMSCI, 1995), transmitindo e multiplicando o saber entre os seus.

O processo de empoderamento da comunidade, vivenciado a partir da apropriação de instrumentos de construção e difusão da comunicação, passa pela transferência de poder, pela transmissão do olhar da comunidade pela própria comunidade, e não mais por uma grande mídia que a descreve e a estereotipa. Nisso tem-se a propagação das questões vivenciadas dentro da comunidade, pensadas entre todos os membros desta; o fortalecimento do coletivo, com abordagem de aspectos peculiares à identidade do espaço comunitário por indivíduos conhecedores deste espaço.

Os interesses individuais de membros das comunidades podem atingir, contudo, de forma negativa o desenvolvimento de uma rádio comunitária, por exemplo. Priorizar algum partido político, religião, segmento cultural e/ou social ou mesmo empresas financiadoras para lucro pessoal, pode comprometer o real significado e importância de um veículo tão democrático, uma vez que o mesmo tem como objetivo divulgar interesses de dentro da comunidade para o desenvolvimento da mesma, sem fins lucrativos.

A questão da identidade torna o pensamento da comunidade ainda mais complexo, uma vez que cada indivíduo possui a sua. Paralelo a isso, o *devir* comunitário implica na comunhão de vários indivíduos e várias identidades, por mais distintos que sejam os conceitos e pensamentos individuais. Neste âmbito, a discussão sobre a privacidade é também importante, já que o coletivo parece direcionar a vivência para um “querer comum”, ao passo que cada indivíduo quer ter seu espaço, seu lugar – mesmo dentro de uma comunidade onde as coisas são mais abertas e compartilhadas. Um quadro que simboliza em parte o individualismo contemporâneo.

Segundo Raquel Paiva e Muniz Sodré (2003), veículos comunitários devem manter contato o mais próximo possível do seu público, pois este contato é o principal elemento agregador proporcionado por veículos desse cunho social. Por outro lado, em



busca desta aproximação com o público ou mesmo de maior audiência, muitas vezes a RadCom acaba utilizando em sua programação conteúdos e formatos dos *mass media*.

Acredita-se que se diferenciar das emissoras comerciais seja um dos grandes desafios das rádios comunitárias atuais, pois, muitas delas, na busca de audiência ou de colaboradores financeiros, acabam exibindo programações reguladas por interesses do mercado, dos grandes vinculadores midiáticos, fator que desvincula o papel dos projetos comunitários e dificulta o envolvimento da população nos processos de mobilização social. Outro fator desafiante é o não-proselitismo político e/ou religioso; que vai de encontro à liberdade de expressão pregada por uma RadCom. Mas quando se consegue burlar estes fatores, ou ao menos minimizá-los, então a rádio encontra o caminho da sua real função.

Uma rádio comunitária é um canal para o exercício da liberdade de expressão da população local ou de membros de outras comunidades. Favorece a participação das pessoas como protagonistas do processo de comunicação, desenvolve um trabalho de informação, educação informal, desenvolvimento da cultura local e regional e de mobilização social, na direção da autoemancipação cidadã. (PERUZZO, 2010 p.06)

A divulgação da informação sobre o cotidiano da comunidade e o pluralismo das opiniões na radiodifusão são essenciais para que o processo de mobilização dos sujeitos sociais aconteça em prol da dignidade coletiva, provocando a politização dos agentes da comunidade e a tradição do debate engajado nas questões sociais. O radialismo comunitário, entre outras coisas, deve colaborar para o desenvolvimento local, impulsionar a mudança da realidade do contexto em que está instalada, promover a inclusão, o estímulo à cultura artística e o respeito às diferenças.

3. Sobre a Rádio Comunitária Araçá FM

Em 5 de fevereiro de 1998, um grupo de 40 pessoas – integrantes de entidades comunitárias e representantes de instituições sediadas em Marí-PB – encabeçado pelo jornalista Fábio Mozart, se reuniram para fundar a Rádio Comunitária Araçá FM. Na ocasião, elegeram uma diretoria executiva e aprovaram seus estatutos sociais e código de ética. Somente em 1º de setembro de 1998 a Rádio entrou no ar pela primeira vez, em caráter experimental, conforme decisão das entidades confederadas na Associação Paraibana de Radiodifusão Comunitária (APRAÇO).



O estúdio foi instalado numa sala da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, mesmo prédio onde funcionou a estação ferroviária, único edifício tombado como patrimônio histórico na cidade. Todos que contam a história da rádio falam, principalmente, da estação de trem que virou estação de rádio. Locutores de carros de som e proprietários de locadoras emprestaram CDs e, juntamente com a doação de discos da população, ajudaram na formação do acervo da “nova paixão da mariense”, epíteto da rádio na época.

Dentre os primeiros programas da Rádio, os que mais tinham destaque eram o Utopia, que discutia temas relativos aos direitos dos cidadãos em uma linguagem jovem; e o Feminino Plural, liderado por professoras do município que orientavam sobre os direitos da mulher e temas associados ao gênero. Feminino Plural se destacou no movimento, fazendo parte da Rede de Mulheres no Rádio para fortalecer as experiências de gênero nas rádios comunitárias por todo o território nacional. Atualmente, o programa voltado para o público feminino na rádio é o Movimento Mulher, que vai ao ar aos sábados pela manhã.

Em menos de um mês em execução, a Rádio Araçá deu seu primeiro furo de reportagem, noticiando a ocupação da Fazenda Santo Antonio, em Marí, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O então repórter Silvano Silva afirmou:

Fomos os únicos a quebrar o silêncio na mídia radiofônica na região. No momento da ocupação, eu estava lá vestindo a camisa da Rádio, gravador na mão, com medo da repressão, mas satisfeito por ter consciência do meu papel de repórter avançado nas lutas do povo. (Silvano Silva, 1998)¹³

Não fugindo da realidade de muitas rádios comunitárias do País, mesmo com o apoio e a participação da população do município, cinco meses após sua estreia a Rádio Araçá foi fechada pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). A ação da Anatel desencadeou um movimento de repúdio e mobilização por parte da comunidade, que pediu apoio a várias entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil, CUT, UFPB, Sindicato dos Jornalistas e Assembleia Legislativa da Paraíba. Foram atos públicos, caravanas de apoio às manifestações na capital João Pessoa e outras cidades,

¹³ Silvano Silva, repórter da Rádio Araçá FM, em 1998, numa entrevista para o Jornal Ondas Livres – Novembro/ dezembro de 1998. (Fonte: APRAÇO - Associação Paraibana de Radiodifusão Comunitária).



abaixo-assinados, e tudo que pudessem pela democratização da comunicação. (MOZART, 2004) Todos os órgãos de Marí, como as Secretarias de Saúde e de Cultura, as igrejas evangélicas e católica, a agência do Banco do Brasil e dos Correios se uniram para proteger a Rádio. Fábio Mozart afirma que:

Sem a participação dos companheiros das comunidades, dos grupos de jovens, religiosos, estudantes e representantes de entidades até díspares como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Sindicato Patronal, não seria possível continuar com a Rádio Araçá, diante das ameaças e intimidações da ANATEL, e dos grandes empresários da comunicação nas regiões do Brejo e Litoral paraibano. (MOZART, 2004, p.9.)

Atualmente, a Rádio Comunitária Araçá FM conta com o apoio de parte dos moradores de Marí (que contribuem mensalmente com a quantia de R\$2,00), assim como também continua a fazer ações em prol da comunidade, como reunir mutirão para fazer o saneamento básico e a coleta de lixo da cidade, arrecadar alimentos, roupas e medicamentos para os mais necessitados, além de fomentar as discussões que estão em foco na comunidade. Porém, outra parte da população, acredita que a Rádio é extremamente partidária, indo ao encontro com as opiniões políticas do atual presidente, Severino Ramos, circunstância não desejável em uma rádio comunitária.

A Rádio tem em sua programação espaço para todas as religiões, sindicatos, secretarias, Governo, Prefeitura, Conselho Tutelar e demais órgãos do município; apoia ainda movimentos culturais, sociais e esportivos da cidade. A população também tem seu espaço. Os ouvintes contam com três números de telefone para falarem no ar, além da possibilidade de mandarem sugestões, críticas e opiniões através do *site*¹⁴ (onde a emissora pode ser ouvida *on line*), página do *Facebook*, *Twitter*, *Skype* e *WhatsApp*.

Apesar dos conflitos políticos do município, e de parte da população fazer críticas à atual administração da emissora, esta representa um apoio sociocultural significativo à população em geral, trazendo informação e notícias da região, do Brasil e do mundo, instruindo a respeito de temas como cidadania, educação, consciência ambiental, cultura, esportes e política. Com esse trabalho à comunidade, a Rádio submeteu seu projeto ao Ministério da Cultura e, aprovado, tornou-se Ponto de Cultura Rádio Comunitária Araçá FM em 2010.

¹⁴ www.radioaracafm.com.



4. Impactos socioculturais da Rádio Comunitária Araçá FM no município de Marí-PB. (Dados da pesquisa)

A técnica de pesquisa constituiu-se na elaboração e aplicação de dois questionários estruturados com perguntas mistas – abertas e fechadas. O conteúdo destas classificou-se na alusão a fatos; padrões de ação; razões conscientes de orientação e comportamento relacionados à emissora e à comunidade (com foco no tema da pesquisa: impactos socioculturais e desafios da RadCom). O primeiro questionário foi aplicado a quatro colaboradores da Rádio Araçá – o presidente da Associação, um locutor, um sonoplasta e um repórter. O segundo questionário foi aplicado a pessoas da comunidade, seguindo cálculo amostral baseado no número de habitantes do município de Marí, que é de 21.176 pessoas (IBGE, 2013)¹⁵.

O recorte amostral¹⁶ contou com margem de erro de 4%, nível de confiança de 90%, considerando a possibilidade de, no máximo, 98%¹⁷ da população mariense já ter ouvido falar da rádio. O número de entrevistados necessários para cumprir a amostra foi de 14 pessoas. Entre estes, todos afirmaram ouvir a Araçá, sendo que 9 são ouvintes desde a fundação da mesma (64,3%). Como motivação para a audiência, foi apontado que a emissora é a principal fonte de informação sobre o que acontece em Marí e no Estado.

Segundo o presidente da Associação Comunitária Rádio Araçá FM, Severino Ramos (52 anos), que está há 12 anos nesta função, a Araçá FM é um espaço democrático, inclusivo, cidadão e popular, onde existe programação para crianças, jovens, adultos e melhor idade. Afirmou que a Araçá FM tem espaço aberto para sindicatos, pastorais, ONGs, Prefeitura, Conselho Tutelar, alcóolicos anônimos, todas as igrejas etc. Severino comentou que a rádio promove campanhas educativas, de vacinação, de limpeza para a cidade, de combate às drogas, à dengue, realiza mutirão para construir casas, entre outros trabalhos realizados para o bem da comunidade local.

O presidente da Associação disse que a rádio pode sim influenciar os jovens de forma positiva, pois a própria disponibiliza o aprendizado para sonoplastia, recepção e locução, apoia as artes plásticas, danças típicas e incentiva a capoeira. Para ele, o papel social/político/cultural que uma rádio comunitária deve exercer é buscar fortalecer os

¹⁵ Deste total, 10.367 são homens; 10.809, mulheres. (IBGE, 2013).

¹⁶ O cálculo amostral foi feito a partir da calculadora on-line específica disponível no endereço <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>.

¹⁷ Sendo o município pequeno, é bem provável que toda a população já tenha ouvido falar da rádio, ainda assim, foi inserido um percentual menor que 100% para melhor validar a pesquisa.



laços culturais já existentes na comunidade, apoiar as iniciativas no município, ser porta voz da sociedade, defender os direitos do cidadão, trabalhar a conscientização e a formação para o direito e a cidadania de cada um. Severino enfatiza que a maior dificuldade que a rádio comunitária enfrenta é devido à limitação imposta pela legislação, de não poder fazer publicidade, nem receber recursos do governo, o que impede de prestar mais auxílio à comunidade. As opiniões do sonoplasta (18 anos), do locutor (32 anos) e do repórter (32 anos) são semelhantes a do presidente.

Na programação da Araçá, encontram-se programas religiosos, musicais, de notícias e debates. O público masculino adulto demonstrou preferência pela programação de notícias e de debates, principalmente políticos. As mulheres dividem-se entre a programação religiosa e os noticiários da cidade. Já os jovens de ambos os sexos declararam gostar mais dos programas musicais e também daqueles que os mantenham informados.

O público feminino é predominante, 9 entre 14 ouvintes são mulheres, o que representa um percentual de 64,3%. A faixa etária dos entrevistados foi bastante ampla, entre 18 a 67 anos. As profissões predominantes na população foram a de agricultor (35,7%), aposentado (21,4%), estudante e dona-de-casa (14,3% cada), seguidas de vendedor e professora (7,14% cada). O nível de escolaridade dos mesmos é dominado por ensino fundamental incompleto, seguido de ensino médio completo. A renda salarial ficou equilibrada entre ambos os sexos. Mulheres e homens recebem de 1 a 3 salários mínimos, sendo que 3 pessoas disseram ter renda mensal familiar abaixo de um salário.

10 ouvintes entendem a rádio comunitária como aquela que cuida dos interesses da comunidade, prestando serviços, trazendo informação sobre o município. 3 não souberam responder, alegando que ouviam porque gostavam. E um entrevistado disse ser aquela que não tem vínculo com o Estado, nem município; depende apenas da comunidade.

Acerca das dificuldades que uma RadCom enfrenta: 3 pessoas falaram da falta de apoio para a manutenção; 2 responderam que uma das maiores dificuldades seria agrandar – sendo que uma destas apontou que o partidatismo político, embora inevitável, dificulta o funcionamento da rádio. Outras 9 não souberam responder.

Ao perguntar o papel social/político/cultural de uma RadCom, 8 ouvintes (57,1%) disseram que a rádio Araçá exerce seu papel fiscalizando órgãos públicos, sobre o prefeito e os vereadores da cidade. 4 (28,6%) afirmaram que o papel da emissora é levar informação sobre o bairro, divulgação de eventos e informações gerais



que auxiliem a comunidade. 2 (14,3%) disseram que seria promover a cultura local. Quanto ao espaço da comunidade na rádio, maioria (11; 78,6%) compreende este como participação nos programas, ao ligar e pedir músicas ou opinar sobre algo. Os demais (3; 21,4%) disseram que acham o espaço pequeno, pois quando desejam reivindicar algo dos governantes da cidade, o espaço é diminuído. A circunstância aponta para o pensamento de Dioclécio Luz, quando diz que uma RadCom

tem como característica principal o fato de operar em via de duas mãos: ela não apenas fala como ouve, principalmente, assegurando, assim, à comunidade o direito de se fazer ouvir em seus reclamos e em suas manifestações culturais e artísticas de natureza local. (LUZ, 2001,p.17).

8 ouvintes (57,1%) afirmaram que a Araçá auxilia a comunidade por meio da programação; 4 (28,6%) disseram que através das campanhas feitas para arrecadação de alimentos, roupas e medicamentos para ajudar pessoas carentes. Uma pessoa disse que a rádio ajuda somente às vezes, por interesse político; outra afirmou que não ajuda. Entre os pontos citados como significativos em relação à rádio tem-se a campanha para doação de sangue de uma moradora, campanha para cirurgia de uma criança da comunidade, colaboração para pagamentos de contas básicas (água, luz) para algum morador, esclarecimentos sobre a gestão política da cidade e o auxílio à educação também foi citado por um dos entrevistados.

Quando perguntado se a RadCom poderia influenciar a vida de um jovem, as respostas ficaram bem divididas: 4 pessoas (28,6%) disseram que sim, dando oportunidades até mesmo na própria rádio para iniciar em uma profissão. Outras 4 indicaram que sim, dando informações, levando a eles cultura e conhecimento, estimulando para que a juventude busque os próprios direitos diante das autoridades. 1 pessoa (7,1%) disse que influenciava de forma negativa; outra afirmou que a emissora poderia influenciar às vezes, dependendo do jovem e da situação. 4 ouvintes disseram que a rádio não tem o poder de influenciar a vida dos jovens.

As respostas quantificadas, acompanhadas da opinião espontânea de cada entrevistado apontaram consonância entre o discurso proferido pela Araçá FM e aquele revelado pela comunidade. As campanhas de solidariedade criadas e difundidas pela emissora foram apontadas como os principais impactos sociais na comunidade, enquanto a formação de jovens – por meio do trabalho na rádio – foi também observada como ponto positivo citado por muitos. Ambos – comunidade e colaboradores da rádio



– parecem conhecer perfeitamente o papel de uma RadCom. As dificuldades, contudo, em manter um veículo como este, parecem não estar muito claras para a maioria dos moradores, que desconhecem limitações legislativas. Apenas 4 entrevistados responderam a esta questão, que procurou sondar os desafios de uma RadCom na opinião da comunidade.

Considerações finais

A tensão entre rádios comunitárias, Governo e emissoras comerciais perpassa pela discussão da democratização efetiva dos meios de comunicação, direito à liberdade de expressão e estímulo à cidadania. A impossibilidade, fundamentada na Lei 9.612 de 1998, da Rádio Comunitária “existir” além do espaço da comunidade, parece ter sido enfraquecida a partir do advento da Internet – que permite a proliferação da programação *on line* e maior contato com ouvintes além limítrofes geográficos. Porém, ao considerar que maioria dos ouvintes da Araçá são agricultores e utilizam o aparelho de rádio, e não o computador, para ouvir a emissora, volta-se à questão da abrangência delimitada pelo raio da antena da rádio comunitária.

Ampliar a permissão quanto ao raio de abrangência das RadComs vai de encontro ao conceito de “meio de comunicação comunitário”? Ou a essência do meio comunitário está em seu conteúdo e ações diante da comunidade? Este é um longo diálogo, contemplado em sala de aula, mas não descrito aqui.

Uma outra questão é a impossibilidade de veiculação de propagandas, que tem sido, há décadas, um ponto fulcral de discussão para a manutenção dos meios de radiodifusão comunitária; uma discussão que não avança, atropelada pelos interesses dos *mass media* que, por sua vez, criminalizam as RadComs e parecem ter na Anatel um importante aliado.

A Rádio Araçá FM, embora demonstre inclinação partidária – indicada por alguns entrevistados –, aparentemente cumpre o seu papel de serviço à comunidade, atendendo esta em suas necessidades cotidianas, permitindo participação de diversificados segmentos sociais e culturais; difundindo temas de esclarecimento e proteção à saúde, aos jovens, meio ambiente e afins; cumprindo o exercício da cidadania enquanto veículo comunitário. Por mais distintas que tenham sido as respostas dos entrevistados, num município territorialmente pequeno como Marí, a Rádio Araçá se propõe a ser aquele elo agregador que circunscreve o conceito de comunidade –



difundindo temas comuns, endossando o sentimento de pertença em tempos de individualismo e esfacelamento das relações sociais.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUATTARI, Felix. Prefácio. In: MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: a reforma agrária no ar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LUZ, Dioclécio. **Rádios comunitárias**. Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo. Brasília: 2001.

PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. **O sequestro da fala comunitária**. Rio de Janeiro: ECO-PÓS, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Rádios Comunitárias no Brasil: da desobediência civil e particularidades às propostas aprovadas na CONFECOM**. PUC-Rio, 8 a 11 de junho de 2010.



ANEXOS: Questionários aplicados



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM RÁDIO E TV
DISCIPLINA: MÍDIAS AUDIOVISUAIS EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

COMUNIDADE

Entrevista realizada no(s) dia(s): _____.

Entrevistador(a): _____.

Nome: _____ 1. () Masc. () Fem.

2. Idade: _____ 3. Profissão: _____

4. Escolaridade: _____

5. Renda familiar mensal: A. () -1SM B. () 1 a 3 SM C. () +3SM

6. Você escuta a Rádio Comunitária _____?

A. () Sim. Por quê? B. () Não. Por quê? (Pule para a questão 9)

7. Por quanto tempo, em média, você escuta a rádio por dia?

A. () 5 a 30min. B. () 30 min. a 1 hora C. () 1 a 3 horas D. () + 3 horas

8. De qual programa da Rádio você mais gosta ?

A. _____ Nota: _____

B. _____ Nota: _____

C. _____ Nota: _____

9. Para você, o que é uma rádio comunitária?

10. Você já foi ajudado ou conhece alguém que foi ajudado por esta rádio? A. () Não.

B. () Sim. Quem e como?

11. Você acha que a Rádio Araçá cumpre com seu papel sociocultural?

A. () Não. Por quê? B. () Às Vezes. Como? C. () Sim. Como?

12. Você acredita que uma rádio comunitária pode influenciar a vida de um jovem?

A. () Não. Por quê? B. () Às Vezes. Como? C. () Sim. Como?

13. Se você pudesse enviar um recado para a rádio, em seu nome ou da sua comunidade, que recado seria? _____

Observações:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DECOM
CURSO DE BACHARELADO EM RÁDIO E TV
DISCIPLINA: MÍDIAS AUDIOVISUAIS EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

RÁDIO ARAÇÁ

Questionário aplicado à Rádio Comunitária Araçá FM, frequência 105,9 MHz, situada no município de Marí, Estado da Paraíba.

Entrevista realizada no(s) dia(s): _____. Entrevistador(a): _____.

Nome: _____

1. Idade: _____ 2. Profissão: _____

3. Escolaridade: _____ 4. Local de nascimento: _____

5. Renda familiar mensal: A. () -1SM B. () 1 a 3 SM C. () +3SM

6. Qual sua função na Rádio Comunitária? _____

7. Há quanto tempo ocupa esta função? _____

8. Para você, o que é uma rádio comunitária? _____

9. Qual o espaço da comunidade nesta rádio? _____

10. A rádio auxilia a comunidade local? A. () Não. Por quê? B. () Às Vezes. Como? C. () Sim.

Como? _____

11. Nestes anos de existência da rádio, quais os trabalhos mais significativos feitos em prol da comunidade? _____

12. Você acredita que uma rádio comunitária pode influenciar a vida de um jovem?

A. () Não. Por quê? B. () Às Vezes. Como? C. () Sim. Como?

13. Qual o papel social/ político/ cultural de uma rádio comunitária?

14. Quais são as dificuldades na manutenção de uma rádio comunitária?

15. Se você pudesse fazer uma ação de impacto nesta comunidade, utilizando a rádio comunitária, qual ação/quais ações seria (m)?

Observações: